

**Página Inicial**

Agenda de Eventos

Especial - Acordo Ortográfico

**Artigos**

Artigos de IC

Blog

**Reflexões sobre o ensino de línguas**

Resenhas

Textos Literários

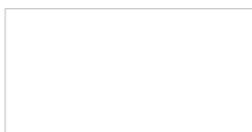
**Edições Anteriores**

**Junte-se a nossa lista de e-mails!**

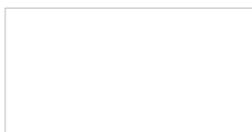
Email Address

Subscribe

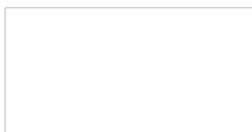
**Veja também:**



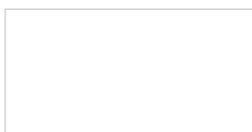
Instituto Matoso Câmara



Biblioteca Digital Mundial



Blog do Co-editor Joel Sossai Coleti



Ceditec

## A IDENTIDADE DO PARTIDO DOS TRABALHADORES CONSTRUÍDA PELA REVISTA VEJA: DA FORMAÇÃO DISCURSIVA À IDEOLOGIA PARTIDÁRIA

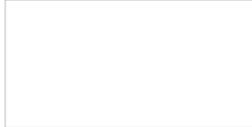
Giovana Reis Lunardi\*

### Introdução

A partir da perspectiva teórica da Análise do Discurso a proposta desta escrita é de analisar a capa da revista *Veja*<sup>[2]</sup>, defendendo que esta forma, a partir da capa, uma nova identidade do Partido dos Trabalhadores (PT) adiante denominado apenas de PT, como sendo uma Hidra, “montada por Lula”. Construídos os sentidos na relação discurso/sociedade e leitor/autor, o gesto de interpretação que identifica os sentidos utiliza o nível de análise discursiva, tomada a perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha Francesa. Está posto que o campo discursivo de análise é o da política, em termos temporais ou, se historicidade, a edição está próxima do término de mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva<sup>[3]</sup>, doravante apenas denominado como Lula. A análise da materialidade discursiva permite a percepção da construção de uma identidade do PT. A identidade é construída pelas vozes sociais, pela materialidade discursiva, histórica e ideológica do locutor, ou seja, da revista. A capa analisada produz diferentes *efeitos de sentido*, conforme o efeito do ideológico ou, dito de outra forma, do espaço ideológico ocupado, de modo a gerar o gesto de interpretação do leitor. Acreditamos que, de maneira concordar e entender os sentidos ideológicos, conforme o locutor intenciona. É possível identificar diferentes Formações Discursivas e Ideológicas<sup>[4]</sup> na construção da capa da revista. A análise pretende a averiguação dos sentidos tecidos no *corpus* e da inscrição das FDs e FIs, conforme as Condições de Produção do discurso. Sentidos interpretados na incompletude constitutiva da linguagem com a base dos conceitos definidos.

O poder de coerção da revista é visível na medida em que se leva em conta que é uma das mais respeitadas do país em termos de política. A capa da revista e a matéria escrita visam orientar os leitores a uma opinião partidária, influenciado, primeiramente através da imagem e da manchete da capa uma vez que, de acordo com Pêcheux (1975), as palavras mudam de sentido conforme aqueles que a empregam. A revista *Veja* se inscreve em uma formação discursiva de direita; notamos isso a partir de argumentos historicizados, que de certa forma, representam outras revistas do gênero que circula neste turbulento e repleto mundo de catástrofes ambientais, sociais, políticas, etc. É notável a voz do outro no discurso da capa da revista, o outro-político, histórico e atravessado também pelo certo desconforto que para a imprensa causou o ocorrido acerca do Plano de Governo “equivocado” assinado pela candidata Dilma.

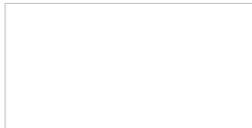
Este artigo pretende apresentar, primeiramente, os conceitos da AD, fazer uma breve retomada da história do Partido dos Trabalhadores, para posteriormente fazer a análise do *corpus*. Como metodologia será tomada a capa da revista *Veja*, na edição já mencionada e analisada à luz de determinadas categorias da AD, visando um gesto de interpretação que encontre os *efeitos de sentido* construídos a partir da manipulação dos sentidos da formação ideológica da revista em evidencia. As considerações finais visam tecer os resultados obtidos a partir da análise para compreender os efeitos ideológicos do gesto de interpretação e propriamente da capa da revista.



Comunidade dos Países  
de Língua Portuguesa



Dicionário de Termos Lingüísticos



Domínio Público



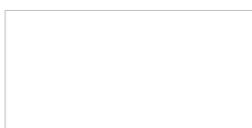
GEScom



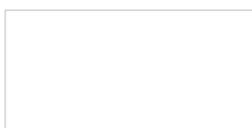
GETerm



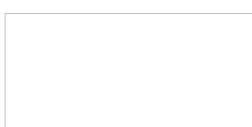
iLteC



Institut Ferdinand de Saussure



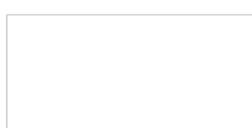
Letr[a]s.etc.br



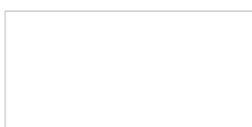
Portal da Língua Portuguesa



Portal de Periódicos Capes



Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!

## O arcabouço teórico da AD

Os principais conceitos pertinentes à Análise de Discurso (AD) utilizados nessa produção escrita são: Condições de Produção, Formação Discursiva, Ideologia, Memória Discursiva e Interdiscurso.

Acerca da AD é primordial escrever que ela procura investigar as questões que rodeiam e formam **o discurso**; papel importante, portanto, *é o sujeito como falante inserido em um contexto histórico-social e ideológico*. O caminho percorrido é o que está entre a língua (e suas mazelas sociais) e a fala (vinda de um sujeito falante). Fundada por Michel Pêcheux (1969), tem por característica ser uma teoria crítica da linguagem.

Uma **Formação Discursiva** (FD) não é homogênea (Fernandes, 2007, p. 54), é constituída por diferentes discursos, desse modo, uma vez que procuramos compreender a FD do *corpus*, temos clareza de que a apreensão dos sentidos se dará parcialmente. A FD, afirma Fernandes (2007) retomando as palavras de Pêcheux, pertence à determinada época e espaço social e realiza-se a partir de condições de produção específicas (idem, p.56), designando aquilo que pode ser dito em determinada circunstância e também aquilo que não poderia ser dito. São lugares assumidos pelo sujeito para que o discurso tenha pertinência. No que tange ao gênero discursivo reportagem, ele é tomado em determinado espaço sócio-histórico, em uma revista de circulação nacional, como já mencionado.

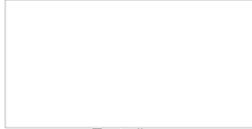
As **Condições de Produção** definem-se como sendo as circunstâncias contextuais sócio-históricas e ideológicas da produção de um discurso. Portanto, conforme uma Condição de Produção tem-se uma Formação Discursiva. Para Fernandes (2007, p. 64) a FD: [...] *refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas*. E, conforme uma FD é que se podem perceber os lugares de aparição de determinados enunciados, estes, em conjunto conforme uma posição ideológica.

Já a Memória, por ter relação com o discurso é tratada como interdiscurso e denominada *memória discursiva*, de cunho social e não individual (ORLANDI, 2001, p. 30-31) É a ativação da memória discursiva que faz com que se possa relacionar o vermelho da capa da revista com a capa do livro de Karl Marx, *O Capital*, que, como podemos lembrar através do conhecimento histórico, foi a base para os pensamentos comunistas e de luta proletária. É a observação do interdiscurso que permite a relação com uma filiação de dizeres identificados por uma memória discursiva com determinada historicidade e ideologia. As condições de produção participam dos processos de identificação do sentido no discurso e a partir de identificações é que se constroem identidades. Para perceber um discurso como sendo de direita ou esquerda é preciso inscrevê-lo em suas condições de produção e estabelecer as relações que mantém com sua memória e formação discursiva. Percebendo assim o *curso/percurso* que o discurso, linguagem em ação, segue e conduz o leitor a interpretar.

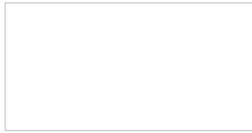
A prática de leitura discursiva considera o que é dito de um modo e o *que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, pois só uma parte do dizível é acessível ao sujeito* (ORLANDI, 2001, p.34), de modo que estão inferidas possibilidades de construção de diferentes identidades. A AD afirma que a historicidade constitui os sentidos do discurso, nesse artigo, percebidos através das evidências que o texto da revista *Veja* faz perceber. Se a linguagem é incompleta, os sentidos que faltam para compreender o enunciado devem ser buscados no interdiscurso. Orlandi (2001, p. 21) define o discurso como *efeito de sentidos entre locutores*. São os gestos de interpretação que fazem com que o sentido seja compreendido, não como um sentido único, mas como a construção de uma compreensão de processos de significação que permitam “escutar outros sentidos” que constituem um discurso.

Fernandes (2007), a partir de que retoma Pêcheux (1975) ainda escreve acerca de *lugares socioideológicos*, assumidos pelos falantes em discussões cotidianas<sup>[5]</sup>, de modo que uma mesma ou similar expressão varia em sentido conforme aquele que a pronuncia e conforme o contexto em que é pronunciada. As palavras têm significados diferentes nos diferentes discursos e, inclusive, diferentes daqueles que os dicionários pregam como fixos/estanques. Fernandes (idem, p.15), sendo assim, existe um *sentido*, compreendido por **efeito de sentido** (idem, p.21). Um exemplo bastante palpável é o da palavra *terra*, que, conforme o sujeito que a utiliza, ocupante de um dado *lugar sócio-histórico-ideológico*, tem ou adquire diferente sentido e, por conseguinte, causa diferente *efeito de sentido*. De modo que, o discurso é formado não apenas pelo sujeito interlocutor, mas pelo contexto ideológico que o rodeia. É isso que pretendemos demonstrar com a análise do *corpus* deste artigo. Segundo Orlandi (2001, p. 43) *as formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas*.

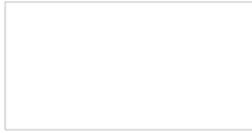
Perguntamos então, como pode ocorrer que um sujeito compreenda de maneira



Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL

diferente de outro? Bom, isso é exatamente o que entende a AD como *gesto de interpretação*. Para responder temos de pensar acerca da interpretação que o sujeito faz, ativando as memórias discursivas sociais que conhece. Para Orlandi (2004, p. 15):

O espaço de interpretação no qual o autor se insere com seu gesto – e que o constitui enquanto autor – deriva da sua relação com a memória (saber discursivo), interdiscurso. [...] Nesse sentido, o autor é carregado pela força da materialidade do texto, materialidade essa que é função do gesto de interpretação (do trabalho de autoria) na sua relação determinada (historicamente) com a exterioridade, pelo interdiscurso. (ORLANDI, 2004, p. 15)

Os estudos da autora deixam clara a idéia de busca pela relação da interpretação com a ideologia, portanto se pode relacionar a ideologia com a autoria, já que a autoria é, segundo ela “um gesto de interpretação” do mundo. A interpretação decide a direção dos sentidos, essa direção que é visada por essa escrita. Esse é o espaço do possível *da falha, do efeito metafórico, do equívoco, em suma: do trabalho da história e do significante, em outras palavras, do trabalho do sujeito*. (ORLANDI, 1996, p. 22)

Sendo um gesto do sujeito, pode ser que este mobilize determinados sentidos que outro não faria, dada a posição sócio-histórica e ideológica. Dessa maneira gesto de interpretação aciona uma ideologia que interpela o sujeito para a construção do sentido, sendo assim podem ser deslocados vários sentidos, a partir do gesto interpretativo.

O sentido vem, portanto, de posições ideológicas; para haver sentido é preciso haver interpretação. Sabemos da incompletude do sujeito e do discurso, por isso é importante deixar claro que este artigo busca os sentidos da capa da revista, sob uma determinada memória discursiva da autora e de um lugar histórico e ideológico, não pretendendo que sejam os únicos sentidos e os mais corretos encontrados. Mas sim uma tentativa de compreensão dos efeitos de sentido que provocam um gesto de interpretação.

Na medida em que a origem do discurso tem relação com o lugar ideológico, há diferentes possibilidades de sentido embutidos em um mesmo discurso; ao se pensar que a compreensão desses perpassará por aquilo que o falante e o ouvinte têm como constituinte, em comum ou não, de seus espaços ideológicos é que se faz necessário pensar no gesto de interpretação. O sujeito da interlocução produz um discurso ocupando um lugar socioideológico, que perpassará na construção de diferentes sentidos. A noção de sentido, retomada de Pêcheux por Fernandes (2007) é, portanto, dependente da inscrição ideológica da enunciação, do lugar histórico-social de onde se enuncia; logo, envolve os sujeitos em interlocução, de acordo com as posições ocupadas.

Conforme a ideologia, que é *uma concepção de mundo de determinado grupo social em determinada condição histórica* (FERNANDES, 2007. p. 29) é possível identificar as posições discursivas inerentes ao sujeito-locutor, atravessadas por outras formações ideológicas.

Com a leitura do gênero midiático numa perspectiva discursiva<sup>[6]</sup> são vários os sentidos recuperados pelo interdiscurso. *A mídia representa um espaço de coerção, já que pelas relações de poder impõe um sentido dominante em detrimento de sentidos que são silenciados*. (SCHONS e GRIGOLETTO, 2007)

### **Esclarecimentos sobre a história do PT**

O PT foi um partido que marcou oficialmente o início da luta de classes no Brasil, a partir da construção de um partido operário e de um sindicalismo combativo. Essa combatividade teve início em meados de 1969 quando Lula foi eleito para a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Em 1975 e em 1978 foi reeleito no mesmo sindicato. Com a liderança de Lula foi retomada a prática de greves públicas em larga escala, proibidas desde a Ditadura Militar. O PT foi fundado em 10 de fevereiro de 1980, com base inicial na região do Grande ABC em São Paulo. Foi em 2002 que, após várias tentativas, o candidato petista Lula chegou à Presidência da República, vencendo o candidato José Serra (PSDB) e em 2006 foi reeleito, ano no qual disputou com o candidato Geraldo Alckimn (PSDB). Ao que se pode perceber a ira do partido opositor após duas derrotas consecutivas, preeminente nas atitudes de disputa política.

Atitudes radicais do partido petista fazem parte da memória social, na medida em que fazia greves, fechava estradas e entrava em bancos, reivindicando por melhores condições salariais e de que o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra a ele nasceu vinculado.

## Análise do Corpus

O *corpus* de análise desse artigo, como mencionado na introdução, é a capa da revista *Veja*, de 14 de julho de 2010, na qual é perceptível a construção de uma *outra* identidade do Partido dos Trabalhadores associada ao radicalismo petista e comunista, evidente pela cor vermelha. Descrevendo a capa, há a cor vermelha em toda ela e ao fundo uma estrela do PT com uma Hidra sobreposta, ao que se pode claramente entender, com auxílio da manchete da capa “**O monstro do Radicalismo: a fera petista que Lula domou agora desafia a candidata Dilma**” que o PT é essa Hidra, esse monstro. A pergunta que se faz é: Lula montado em uma hidra conduzirá Dilma? Afinal, é visível o apoio que o presidente forja a esta candidata com sendo aquela que continuará suas ações, portanto votar nela seria votar no próprio Lula. Tão visível que, por exemplo, lemos na manchete do Diário Catarinense<sup>[7]</sup> afirmam: “Dilma não anda sobre as próprias pernas, diz Serra”. Há a visível intenção de projeção do candidato Lula à nova candidata petista, atravessando a ideologia partidária inerente nele para que se eleja a “sua candidata”.

O partido ainda é chamado de fera e que Lula tivera de corta a cabeça em diversas oportunidades, *alimentando o monstro no porão e ameaçando deixá-lo à solta caso os adversários não se comportassem* (*Veja*, julho/2010, p. 65), afirmação que só pode ser entendida na condição histórico-social em que é produzido esse discurso. No corpo da matéria, em forma de cartazes segurados por cada cabeça da hidra estão as propostas que “por engano” estariam no Plano de Governo; as aspás estão postas na matéria justamente porque o estopim para que a escrevessem foi de que a candidata petista teria assinado por engano um documento que não era o Programa de Governo que deveria apresentar para sua candidatura. As propostas tomadas como radicais são: “Salvo-conduto ao MST”<sup>[8]</sup>; “Revisão da Lei de Anistia”; “Imposto-riqueza”; “Legalização do aborto” e “Controle da imprensa”, essa última que mais causou enfurecimento da imprensa, sendo o grande calo que provocou a matéria criticamente escancarada. A *Veja* escreve: “O programa de governo do PT traz de volta a ameaça de censura à imprensa e reacende um debate: Dilma Rouseff conseguirá controlar os radicais de seu partido e domar o monstro do autoritarismo?” (*Veja*, p. 65) E questiona, se a candidata for eleita, conseguirá impedir que os radicais do PT transformem o Brasil *em uma república socialista, de economia planejada e centralizada* (isso que saibamos o país já tem) *e sem garantias à liberdade de expressão*. Assim a revista pretende instaurar o medo nos eleitores, como já fora feito nas outras eleições (Risco-Lula), de que o partido transformaria o país em uma nação comunista. Trata-se do campo discursivo da política, de modo que é a partir das marcas linguísticas encontradas na capa da revista que podemos buscar os *efeitos de sentido* presentes no discurso da opinião atual acerca da campanha para Presidência do Brasil, com a saída do atual presidente, processo histórico/social de constituição do discurso remete à possíveis sentidos, pois ele não é transparente.

O estopim para escrita da matéria, além da época histórica na qual se insere, foi o Programa de Governo que havia sido entregue no momento do registro da candidatura e, segundo os petistas, por engano à candidata Dilma teria assinado o Programa errado, muito mais radical que o suposto oficial. Este teria sido impresso às pressas, assinado e entregue ao TSE. Depois de percebido o erro, justificaram que o que teria sido entregue fora o programa do PT e não do governo, e o erro foi atribuído a uma funcionária. O documento foi novamente entregue com modificações, que o tornaram muito mais brando do que o anterior.

Ainda lemos: “*VEJA* fará sua parte nesse processo decisório”; ao que se pode compreender que fazer a sua parte é defender um candidato e, portanto difamar outro, essa matéria estaria *fazendo a sua parte* no sentido de construir uma imagem/identidade do PT de maneira que não se vote no partido e na sua candidata. A revista compromete-se, nessas onze semanas, a oferecer reportagens, capas e entrevistas com o objetivo de, segundo ela, “escancarar o que os candidatos – principalmente à Presidência – pretendem esconder [...] e contextualizar o que eles esperariam ver esquecido.” (idem, p. 65) A matéria está repleta de ironias acusatórias sob uma máscara falsa de preocupação com o país; com apelos à categoria dos agricultores, à imprensa, aos proprietários de terras temerosos das invasões do MST, A identidade petista construída associa-se ao radicalismo do partido, ao *Capital* de Karl Marx e ao Comunismo. Uma vez que o PT foi um dos primeiro partido de esquerda no Brasil, está associado às ideias comunistas do restante do mundo. O temor da última eleição do radicalismo com relação à distribuição de terras, por exemplo, (aliás, nem a Reforma Agrária ocorreu), não se efetivou, sendo que, mesmo que o próprio Manifesto Comunista, embora defendesse o fim da propriedade privada, era favorável às conquistas dos trabalhadores, citando-o:

Não queremos, de modo algum, abolir essa apropriação pessoal dos produtos do trabalho, indispensável para a manutenção e a reprodução da vida humana, pois esta apropriação não deixa saldo nenhum que lhe confira sobre o poder alheio. Queremos

abolir o caráter miserável dessa apropriação, que faz com que o trabalhador viva para multiplicar o capital, viva enquanto é interesse da classe dominante. [...] O comunismo não retira a ninguém o poder de apropriar-se de produtos sociais; apenas suprime o poder de, através dessa apropriação, subjugar o trabalho alheio. (MANIFESTO, 2008, p. 34)

É importante deixar claro que a intenção ao citar aqui o Manifesto não é de defender o comunismo, mas sim de demonstrar como ele, com preceitos em prol da defesa do proletariado, acaba não sendo tão radical e mal-feitor como os partidos opositores ao governo petista tentam defender ou difundir que são na medida em que associam um ao outro. Tampouco o interesse aqui é de defender as posições radicais que sabemos existir no PT, mas sim, de demonstrar como ocorre na capa a construção de uma identidade que se quer metaforizada como de uma fera utiliza de associações com “fantasmas” que fazem temer a sociedade. O Manifesto é coerente em muitas afirmações, não podemos negar, ele expõe de maneira clara a estruturação da sociedade classista, que oprime os trabalhadores e na qual as ideias dominantes são as ideias e da ideologia/classe dominante, no caso a burguesia. O PT consegue a vitória de ser um partido proletário a tomar o poder, mesmo que, como muitos comentam, possa não ter realizado/concretizado todas as esperanças proletárias. É ainda através do Manifesto que se afirmou, como primeira instância, que a burguesia, a partir da centralização dos meios de produção e concentração das propriedades em poucas mãos, centralizou o poder político.

Há um outro enunciado irônico mencionando que se pode acreditar que a candidata, *apesar do passado de ex-guerrilheira comunista*, não comungará com as propostas radicais do partido; que deveria ter mais compromisso com a democracia. E a mídia ainda provoca, pedindo que, no horário político da televisão, a candidata esclareça “se quem mandará em seu governo, serão os radicais do PT, como faz supor o programa político, eivado de itens ideológicos.” (Veja, p. 76) São os aspectos ideológicos e políticos do discurso que refletem o lugar-social de onde este discurso é produzido. Bem como as relações de poder, que são construídas conforme ideologias formadas por diferentes vozes, oriundas de um dado contexto sócio-histórico e ideológicos, que vem a ser as *condições de produção*. (FERNANDES, 2007, p. 61-63)

Ao analisar um texto, a AD propõe identificar os discursos nele atravessados, como já mencionamos há o atravessamento do discurso político que resgata o “Manifesto do Partido Comunista” e “O Capital” de Marx (no que se refere à cor vermelha). O objetivo de denunciar uma suposta verdade é evidente na revista, havendo a cristalização de um sentido dominante e, portanto de uma FI característica da FD desenvolvida. A estrela vermelha de cinco pontas, com a sigla PT no centro é, conforme o Estatuto do Partido dos Trabalhadores, um símbolo e uma marca de identificação do Partido. Afetada pelo ideológico, a língua é perpassada nela mesma a historicidade e acaba tornando-se, como define a AD, numa *arena da luta de classes*.

Em termos de localização do contexto histórico (a materialidade histórica), sabemos que o país sai do governo-Lula, após 8 anos; não pode dizer que saiu mal, ele não só controlou essa difamada Hidra com cinco cabeças, como também deixou um governo que, conforme superficial opinião nossa, é possível aplaudir. Mesmo que seja apenas por algumas ações de cunho social, através dos projetos que deixou com sua polêmica estada na presidência da república. Uma vez que o discurso é histórico e ideológico, tem de ser analisado no instante do tempo em que ocorre. Neste caso, há cerca de oitenta dias antes das Eleições Presidências de 2010, após dois mandatos do “metalúrgico”, uma figura sem dúvidas histórica e significativa no quesito de vitórias e conquistas da classe proletária no Brasil; pois nunca antes um proletário havia saído das bancadas de comícios de greve para o Palácio do Planalto. O país, gostando ou não, tem de admitir que se trata de um grande acontecimento histórico. E, é visível que ele está projetando a sua imagem construída na candidata. Isso é um grande temor para o partido opositor, que já amargou duas derrotas para o novo “pai dos pobres”. É a partir dos conceitos existentes no referencial teórico da AD que se pode perceber traços de uma *identidade* que a mídia afere ao PT.

A história da sociedade é a história da luta de classes (Manifesto, 2008, p. 08), os proletários e a burguesia. O valor das pessoas está diminuído ao salário, transformando as profissões em trabalhadores assalariados. E a relação da sociedade é da mais-valia que explicou Marx. A revista, como gênero midiático revela-se conforme sua formação ideológica e, portanto em sua posição é que se manifestam os sentidos. Sabemos, devido aos tantos anos que circula no país e outras matérias já bastante escancaradas, que a revista inscreve a sua Formação Discursiva na política de Direita.

Com uma aparente máscara de imparcialidade, apenas aqueles que não fazem uso de um ato de interpretação acabam por deixar passar os deferentes sentidos promulgados pela manchete. Não pode ser tomada apenas como informação, porque os sentidos não são neutros. No caso da revista, a linguagem é de autoridade, é uma linguagem escrita que poucos “dominam”, adornada por fotografias dos políticos com as máscaras várias que os

espaços sociais lhes cobram. Não podemos, durante a leitura deste artigo, olvidar-nos do vermelho gritante do PT, como já mencionado, que faz referência à historicidade da cor vermelha, bandeira dos comunistas, “que comem criancinhas”. Desloca-se a memória histórica acerca do partido petista e do comunismo para inserir temor aos eleitores, a partir, inclusive do atravessamento da capa vermelha do Capital com a capa da *Veja*.

Não se pode deixar de pensar que a Hidra, que é um monstro, manifesta de certo modo o medo que o locutor tem, às vésperas da eleição. Sendo evidente que a *Veja*, como mídia de direita está temerosa que, com a vitória da candidata petista, os preceitos radicais do partido petista não sejam por ela controladas como o foram pelo candidato Lula. Uma Hidra é um animal da mitologia grega que tem várias cabeças de serpente em um corpo de dragão, neste caso são cinco; segundo a mitologia quando uma cabeça era cortada ela crescia novamente, havendo apenas uma cabeça imortal, com sangue e hálito venenosos. Sendo uma alegoria do partido petista, então cada cabeça cortada cresceria novamente, ao que se afirma a força desse partido, afinal, reconhecida após a chegada ao governo. Na mitologia Hércules mata a Hidra. A escolha desse animal para representar o PT já é por si só agressiva e demonstra a opinião que a revista tem. Há a apropriação da mitologia, portanto o atravessamento do discurso mitológico, oriundo do fantástico, no discurso político. O deslocamento do significado de monstro para ser uma alegoria ao partido, propondo que deve ser domesticado demonstra o medo da oposição é uma marca forte para determinar os sentidos presentes junto aos enunciados da revista. Sabendo que a AD busca as marcas linguísticas como pistas para encontrar os sentidos, são muitas as pistas que na capa percebemos como evidentes de uma posição ideológica.

O sentido do texto se constrói na relação sujeito-autor e sujeito-leitor, sendo possível perceber com essa análise o *atravessamento* dos aspectos sociais, históricos e ideológicos na linguagem que constituem o discurso. Eles estão além das palavras, determinado pelas posições ideológicas colocadas em foco pelo sócio-histórico. Segundo Orlandi (2001, p. 42) as palavras mudam de sentido conforme a posição ideológica na qual são inscritas, a partir destas posições tem-se uma Formação Discursiva. A Análise do Discurso considera que o discurso não é transparente e sim atravessado pela ideologia e pela história, sendo assim, a AD visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos.

### **Considerações Finais**

Como palavras finais é possível tecer que foi atingida a proposta de descrever a identidade do partido petista, construída a partir de um gesto de interpretação diante da capa da revista *Veja*, de julho de 2010. Gesto esse gerado sob a incompletude da linguagem da capa da revista analisada, justamente por conta dessa suposta incompletude, são gerados diferentes *efeitos de sentido*, percebidos pelos sujeitos conforme os lugares ideológicos ocupados e as diferentes memórias discursivas.

Analisando a materialidade discursiva, tanto verbal quanto não-verbal, e a materialidade histórica, podemos afirmar que a FD que escreveu a matéria e construiu a capa é de direita e em desacordo com o partido petista. A língua desenvolve-se no social e a discursividade é a representação da língua na sociedade, ela tem uma posição, que influencia na percepção da identidade do PT construída pela capa da *Veja*. A história está presente na construção ideológica, lembrando que para a AD a história contribui para a formação dos sentidos e para os possíveis gestos de interpretação. Na medida em que a AD busca marcas linguísticas para compreender os efeitos de sentido, concordamos que a marca de análise é o discurso e a exterioridade.

Uma tentativa de compreensão dos efeitos de sentido que provocam um gesto de interpretação precisa perpassar pelas categorias definidas na metodologia deste artigo. Também é evidente que se considera, por fim, que a linguagem, como estrutura e acontecimento, existe em relação com a história e é compreendida no espaço simbólico da incompletude, de modo que pode gerar diferentes *efeitos de sentido*.

### **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

FERNANDES, Claudemar Alves. *Análise do Discurso – Reflexões Introdutórias*. 2 ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil*. Revista LETRAS 27. - Julho / Dezembro de 2003

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: 3 ed. Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Interpretação - Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. São Paulo: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso*. In: ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Org.) *Discurso e Textualidade*, Campinas, São Paulo: Pontes, 2006, p. 11-31.

SCHONS Carne Regina; GRIGOLETTO, Evandra. *O texto como possibilidade de ruptura: análise do funcionamento do gênero midiático*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 3 - n. 2 - p. 213-226 - jul./dez. 2007

VEJA. São Paulo: Abril, 2173 ed. Ano 43, n. 28. 14 julho/2010.

#### REFERENCIAS ELETRÔNICAS:

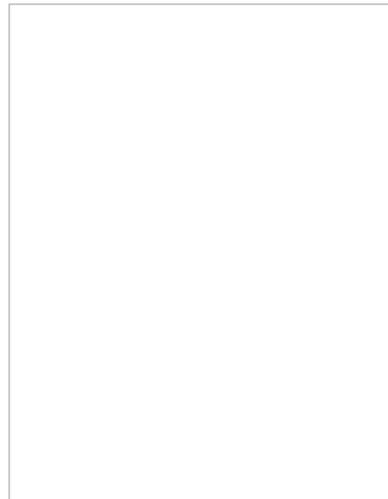
<http://www.mingaudigital.com.br>. Acesso em 29/07/2010.

<http://lardosmonstros.forumeiros.com/lista-de-monstros-f11/hidra-t119.htm>. Acesso em 29/07/2010.

[www.pt.org.br](http://www.pt.org.br) Acesso em 29/07/2010.

<http://www.video.com.pt/watch/o16zode4v3d0873awoq4/O-Manifesto-Comunista-de-Karl-Marx-e-Engels-vers%C3%A3o-cartoon> Acesso em 29/07/2010.

#### ANEXO I



(VEJA. São Paulo: Abril, 2173 ed. Ano 43, n. 28. 14 julh/2010)

[1] Acadêmica do Curso de Mestrado em Letras/Área de Concentração em Estudos Linguísticos da Universidade de Passo Fundo (UPF). Artigo apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina *de Níveis de Análise Linguística*, ministrada pela professora Dra. Carne Regina Schons.

[2] VEJA. São Paulo: Abril, 2173 ed. Ano 43, n. 28. 14 julh/2010.

[3] Pernambucano, metalúrgico e líder sindical no ABC paulista é o primeiro presidente brasileiro proveniente das camadas populares, assumiu o governo em janeiro de 2003 e foi reeleito em 2006.

[4] A Formação Discursiva e Ideológica são abreviadas como FD e FI.

[5] Afinal, se vivemos em uma sociedade formada por ideologias e não apenas uma ideologia, é coerente que tomemos alguns *lugares ideológicos* como formadores de nossos discursos, isso ocorre naturalmente quando falamos, pois temos opiniões e exposições acerca dos menores assuntos.

[6] Entende-se essa perspectiva discursiva como sendo uma utilização das teorias que envolvem a Análise do Discurso de linha Francesa, desenvolvida com destaque no Brasil por Eni P. Orlandi.

[7] Diário Catarinense, quinta-feira, 15 de julho de 2010.

<sup>81</sup> Essa proposta defenderia que os proprietários de terras invadidas deveriam entrar em acordo com o MST e que os juizes não poderiam determinar a reintegração de posse imediatamente após a invasão, proposta que foi cancelada em dezembro de 2009 pelo presidente Lula. Outras das propostas já apareceram em diferentes contextos.

Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site.